

JORNAL: Diário de Notícias LOCAL: Quomabara

DATA: 19/02/1967 AUTOR: Frederico Morais

TÍTULO: Os Novos Objetos de Ivan Serpa

ASSUNTO: Visita de Frederico Morais ao Ivan, comentários sobre os objetos e etc... (foto de um quadro)

para o livro?

Instituto

D. Notícias 19-2-67

## ARTES PLÁSTICAS

Frederico Morais

### Os Novos Objetos de Ivan Serpa

Fomos visitar o atelier de Ivan Serpa, em sua casa, numa rua tranqüila do Meier. Sábado à tarde. Vimos seus novos objetos (excelentes), diferentes e mais complexos dos que mandou para a Bienal da Bahia, e também pinturas, desenhos, colagens (magníficas), gravuras (raras) e ainda livros e trabalhos de natureza gráfica (cartazes, capas) e tecidos. Ao todo quase 20 anos de intensa produção, sempre de altíssimo nível.

O que primeiro impressiona em Serpa é a limpeza, seu artesanato realmente esplêndido. Tudo é realizado com perfeição cuidado impecável. O artista não descansa, até dominar integralmente a técnica. Mas o que lhe interessa não é o domínio artesanal em si, tampouco isolar a técnica como um departamento estanque da forma e do significado. Importa-lhe a eficiência da linguagem, o tornar clara a sua mensagem, ou, para usar um termo mais atual, a sua informação. Por isso e também porque seu tipo de problema plástico tem quase sempre uma origem matemática, uma proporção, poderíamos dizer que Ivan Serpa mais do que um pintor, é quase um «designer». No sentido de que projeta um problema, e o resolve. Em sua passagem pela Biblioteca Nacional, de onde saiu, com a saúde ameaçada por excesso de zelo, restaurando documentos antigos (inclusive alguns do Aleijadinho), Ivan Serpa aprendeu a trabalhar com paciência e a só largar o problema depois de resolvido. Refletindo esta sua atividade de restaurador, estão seus desenhos livres, partindo de caligrafias, e a série de colagens (excelentes, sobretudo, as da fase «concreta»).

Outro aspecto peculiar à sua obra é um tipo

de coerência que não exclui a versatilidade e a variação, os avanços e recuos, mesmo certos saltos no «informal», sem perda da unicidade. Tem-se criticado muito em Serpa as constantes modificações. A sua passagem do concreto para o informal (primeiro as manchas, em seguida, figuras, imprecisas e deformadas, saindo da obscuridade), de fato, chocou, ou pelo menos irritou. Na época, Serpa apresentou-nos, em entrevista, dois motivos: a necessidade de dar um sentido social à sua pintura, a fim de retratar um certo clima de insatisfação social no país, e o choque que teve, em dois anos de Europa, diante da qualidade artesanal da obra de alguns concretos, como Max Bill. E o concretismo brasileiro, neste ponto, não podia concorrer com a Europa. Justifica-se a posição de Serpa, mas não se pode aceitá-la como absolutamente correta. Afinal, concretismo não é problema de artesanato (mas como, já disse, a objetividade da linguagem, o que não falta a Serpa), nem o problema social brasileiro vai ser resolvido com protestos pictóricos. Ademais, Serpa sempre foi um construtivo.

Eis aqui o terceiro ponto de interesse em sua obra; e que a nossa visita ao seu atelier deixou bastante claro. Alguns trabalhos mais antigos do artista são surpreendentes, pela contemporaneidade e atualidade de problemas, pela antecipação de toda uma problemática da arte ótica de hoje. Serpa foi inegavelmente um pioneiro, no Brasil, de um determinado tipo de problema visual, que ainda hoje continua sendo pesquisado por remanescentes concretos de São Paulo, como Sacilloto e Fiaminghi. Capas de revistas executadas em 56, adquirem, de repente, fantástica atualidade, face às novas pinturas e objetos que está realizando desde fins do ano passado. Aliás, esta mesma impressão tivemos recentemente vendo algumas «placas» brancas realizadas por Hélio Oiticica, recusadas no Salão Nacional, e que, no entanto, adquirem contemporaneidade em relação às «estruturas primárias» dos norte-americanos e a outros ismos. Donde, a conclusão, mais vez, de que a arte concreta brasileira, e particularmente, o neoconcretismo, foi, de fato uma antecipação do Brasil à vanguarda internacional, assim como foi o movimento mais criador da história da arte brasileira. E Serpa, apesar de pequenos interregnos informais e/ou expressionistas, foi sempre um artista construtivo e dos melhores.

Os objetos atuais de Ivan Serpa acrescentam novos dados às inúmeras questões que vêm despertando o interesse dos artistas de vanguarda, como, por exemplo, a negação da moldura, do quadro da cavelete e do conflito entre avesso e direito, ou ainda, do lado de sustentação do quadro (objeto). Nos «quadros» menores este problema não existe mais. O lado como o pro-



Pintura de Ivan Serpa, a última, provavelmente de sua fase figurativa e expressionista.

blema foi resolvido, Serpa consegue um equilíbrio perfeito, visto o quadro de qualquer lado, ou ainda, na forma do losango. Nos objetos maiores, o único material é a madeira, pintada de branco ou vermelho.

Trata-se, na verdade, de módulos de madeira, em séries de diversas proporções, que são desmaterializados (pelo branco) e que permitem sutis jogos formais, que captam (como em alguns relevos de Sérgio Camargo) a luz, que passa, perpassa nos altos e baixos da composição. E esta, por sua vez, não se contém mais nos limites inibitórios da parede ou do quadro de cavelete, escorrega, moldura afóra, buscando o espaço real, um «em torno», pois deixando o muro, deixou, também, de ter costas. Vimos seus objetos ainda inacabados, mas ainda assim, foi grande o impacto. Ivan Serpa continua atual, ativo, criador. E como sempre ocorre em suas novas fases, surpreende e propicia polémicas.